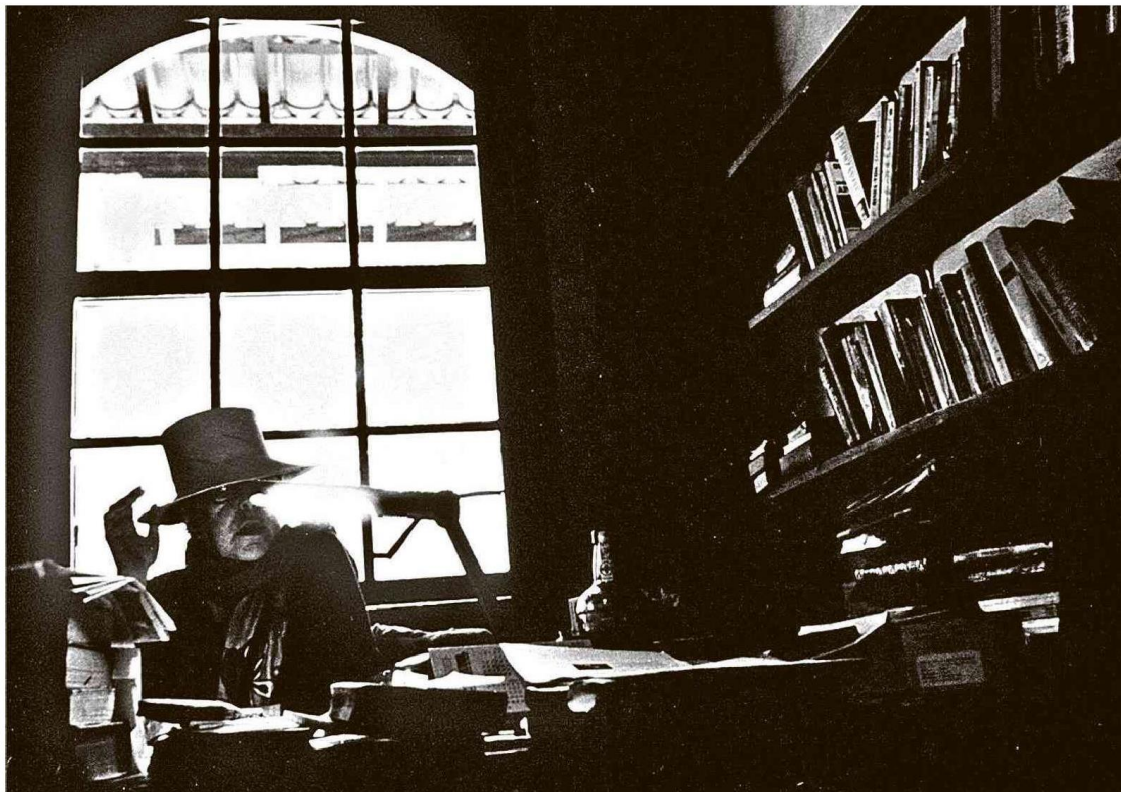


Ilustrada C1

15 anos depois de
sua morte, escritora
Hilda Hilst atinge
auge da fama



Escritora paulista Hilda Hilst em seu escritório, na Casa do Sol, em Campinas. Eder Chiodetto - 9.jan.2002/Folhapress

LANÇAMENTOS

"Da Prosa"
Ed. Companhia das Letras, R\$ 89,90 (88 págs.)

"De Amor Tenho Vivido - 50 Poemas"
Ed. Companhia das Letras, R\$ 49,90 (96 págs.)

"Teatro Completo" (vols. 1 e 2)
Ed. L&PM, R\$ 21,90 (144 e 176 págs. respectivamente)

Crônicas
Ed. Nova Fronteira (ainda sem título ou mais detalhes)

"A Lacaia e o Sapo - Correspondência de Hilda Hilst e Mora Fuentes"
Ed. e-galáxia, R\$ 19,90 (140 págs.)

TAMBÉM EM CATÁLOGO

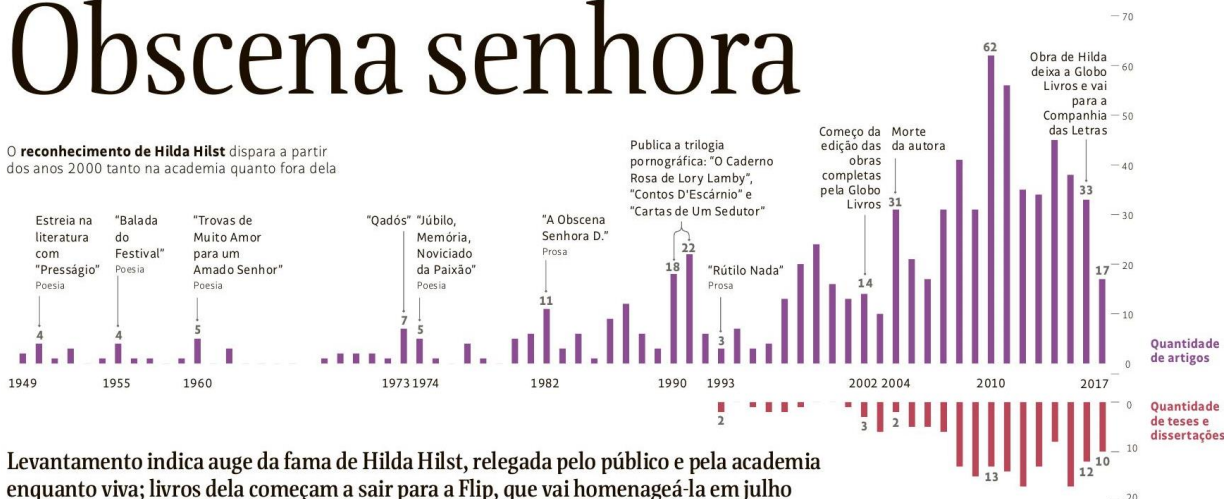
"Da Poesia"
Ed. Companhia das Letras, R\$ 69,90 (584 págs.)

"Pornô Chic"
Ed. Globo Livros, R\$ 59,90 (276 págs.)

"Fico Besta Quando Me Entendem"
Ed. Globo Livros, R\$ 44,90 (237 págs.)

Obscena senhora

O reconhecimento de Hilda Hilst dispara a partir dos anos 2000 tanto na academia quanto fora dela



Levantamento indica auge da fama de Hilda Hilst, relegada pelo público e pela academia enquanto viva; livros dela começam a sair para a Flip, que vai homenageá-la em julho

Maurício Meireles

SÃO PAULO Diziam que ela era uma velha bem sacana. Que era doida e obscena. Que sua obra era difícil de doer, comparável a uma tábua etrusca. Que, em seu isolamento numa chácara, podia passar horas a falar com os mortos.

O folclore em torno de Hilda Hilst (1930-2004) era conhecido —mas leitor para seus livros, que é bom, nada. A autora passou a vida desejando ser lida, mas não viveu para ver o momento chegar.

Agora chegou. Ela nunca foi tão famosa —e não é modo de falar, porque há indicadores concretos da fama crescente. A Flip deste ano, que ocorre de 25 a 29 de julho e tem a autora paulista como homenageada, é parte do processo, claro. Mas o reconhecimento antecede a festa literária.

É o que mostra um levantamento inédito acerca das menções à escritora em pesquisas acadêmicas, livros, capítulos de livros, jornais e revistas de 1949 a 2018.

Compilado no livro "Fortuna Crítica de Hilda Hilst" (IEL/Unicamp), disponível na internet, o levantamento de Cristiano Diniz mostra que foram produzidos sobre ela 209 capítulos e livros; 782 artigos em periódicos, jornais e revistas; 88 entrevistas

e 184 trabalhos acadêmicos.

Numa análise da linha do tempo, vê-se que o reconhecimento é recente. Até 2001, as referências acadêmicas eram no máximo uma ou duas por ano —e nula em vários anos.

Na imprensa, os artigos sobre a autora surgiam em maior quantidade, o que sugere que ela era mais conhecida como personagem do que de fato lida, sobretudo nos anos 1980 e 1990. Mesmo assim, a fama midiática era episódica.

Entre 1990 e 1991, quando ela lança a trilogia erótica que começa com "O Caderno Rosa de Lory Lamby", os artigos saltam para 40, mas ela logo passa a ser ignorada de novo.

A partir de 2002 o cenário começa a mudar e, depois de 2008, passa a ser produzida uma média de 13,2 teses sobre a escritora. De 2004 em diante, os artigos sobre ela em jornais e revistas nunca ficam abaixo de 17 ao ano, chegando ao pico de 62 em 2010. Alcir Pécora, professor de teoria literária da Unicamp e amigo de Hilda, lista hipóteses para a virada.

A primeira é que, em 2002, a escritora começa a ter toda a sua obra editada pela primeira vez por uma grande casa, a Globo Livros, e a ter distribuição feita pelo próprio Pécora. O outro motivo foi a morte

NÚMEROS EM DESTAQUE

Entre 1949 e 2017 Hilda é tema de:

209 capítulos e livros

782 artigos em periódicos, jornais e revistas

88 entrevistas

184 trabalhos acadêmicos

1.263 referências no total

de Hilda, em 2004. Com isso, a pesquisa da obra ficou livre de uma figura que não eram bem vista por alguns setores da crítica literária.

"Sei que é uma visão um pouco dura das coisas, mas acredito nisso. Ela era bastante incômoda na universidade. A morte tirou a obra do lado mais escandaloso e indigesto", diz Pécora.

Nos anos 2000, acrescenta ele, os paradigmas do modernismo paulista começam a ser questionados —com seus critérios de valor nacional, vocabulário informal, perspectiva laica e temas sociais.

"Ela não tinha nada a ver com isso, o que ela escrevia era radicalmente individual. Por esse olhar, a Hilda não passaria no vestibular de nenhuma universidade brasileira", ri Pécora.

Nos anos 2000, de forma tardia, se disseminam os estudos culturais na universidade brasileira, ramo interdisciplinar das humanidades que traz consigo, por exemplo, os estudos de gênero —isso traz o interesse na literatura de mulheres, e Hilda passa a ser lida sob essa chave.

"Não são [análises feitas] a partir da estruturação da própria obra. Ela está servindo de combustível para um paradigma de interpretação. Antes era o modernista,

agora tem o [paradigma] feminino, que se torna inclusivo não numa análise literária pertinente, mas no alinhamento de uma autora", afirma Pécora, que encara o momento sem euforia.

Obra estará quase completa até a Flip, que ocorre em julho

Começando neste mês e até a Flip, a obra completa da autora estará toda disponível nas livrarias —em projetos de diversa editoras, o que dá ideia do sucesso que ela se tornou. A Companhia das Letras, que tem a parte principal da obra da autora, lança, nesta semana, um box com a prosa completa em dois volumes, acompanhada de aparato crítico. O volume com toda a poesia da autora já está nas livrarias desde o ano passado.

A Nova Fronteira, por sua vez, lança uma edição com as crônicas de Hilda, enquanto a L&PM começa a lançar o teatro da escritora.

Os múltiplos projetos são fruto de um momento em que a obra da autora de "Fluxo-Floema" passou a ter uma gestão mais alinhada às práticas do mercado hoje.

Daniel Fuentes, herdeiro da autora que cuidava da obra de la sozinha, passou a ser representado pela agente literária Marianna Teixeira Soares —ao fim do contrato com a Globo Livros, os dois levaram o globo de Hilda para a Companhia das Letras e apresentaram projetos a outras editoras.

Fuentes cuida com sua mãe, Olga Bilenky, do Instituto Hilda Hilst —na Casa do Sol, sítio onde a autora morava em Campinas—, dedicado à divulgação da obra dela. A instituição vive basicamente de direitos autorais, embora já tenha obtido patrocínios.

O interesse de tantas editoras hoje seria impensável até os anos 1990. "Fizemos um trabalho de formiguinha no instituto para divulgar Hilda. Mas o teatro é central nesse boom dela. Todo mês, dou inspiração para duas peças autorizadas na obra dela", diz Fuentes.

A última evidência material de que Hilda está em seu auge começou a aparecer nas ruas de São Paulo há dois meses: um pichação em muros, viadutos e faixas de pedestres com a hashtag "#leiahilda", feita por um grupo de artistas que se reúne às quintas para estudar poesia.

Quinze anos após sua morte, aqui estão as provas que ela tanto buscou: mortos podem mesmo falar com os vivos.

Leia mais na pág. C4

TOP 5 Autores com quem Hilda é comparada nas pesquisas

- Adélia Prado
- Samuel Beckett
- Clarice Lispector
- Sylvia Plath
- Lya Luft

31 dos 75 autores com quem Hilda é comparada são mulheres

Rótulo de Hilda Hilst como uma eremita obscena só dificultou o acesso à sua obra

Marcella Franco

SÃO PAULO Pode ser difícil de acreditar, mas Hilda Hilst não estreou no mundo já velha. Parece absurdo, mas é um lembrete importante, ao se considerar que, na maioria das fotos escolhidas para ilustrar menções à escritora – e, talvez por isso, também no imaginário em geral – ela apareça enrugada, macilenta, de olhos caídos e cabelos brancos.

Hilda, natural de abril de 1930, nasceu, cresceu, cumpriu todo o ciclo dos seres vivos saudáveis, como previsto nos mantras da biologia. No entanto, algo nos leva a insistir na imagem da obscena senhora sempre que o assunto é sua obra. Mas por quê?

No posfácio que assinou na coletânea “da poesia” (Companhia das Letras, 2017), o escritor Victor Heringer dizia que a imagem de uma mulher “meio louca, eremita, arredia, indomesticável” que se faz de Hilda diz mais sobre quem tenta encerrá-la em rótulos do que sobre ela própria.

E, completa Heringer, tamanho reducionismo só terminou por dificultar o acesso à obra de Hilda – o que corroborava seu maior e mais famoso pesadelo, o de não ser lida.

Ela, por sua vez, deu depoimentos em que enxergava um problema ainda maior. Para Hilda, sempre houve um grande preconceito contra a mulher escritora.

Se hoje elas são celebradas, inclusive quando abraçam gêneros específicos como a poesia erótica, o mundo para o qual Hilda Hilst escrevia não era dos mais receptivos à arte poderosa de uma mulher linda, brilhante, forte – e jovem.

“Presságio”, sua estreia oficial, aconteceu em 1950, quando a escritora tinha meros 20 anos. Continuou produzindo em 1951, 1955, 1959, ao mesmo tempo em que se esbaldava nas noites paulistanas. As fotos da época mostram Hilda metida em vestidos tomara-que-caia, portando estolas, pérolas, drinques, tabaco.

Ainda assim, insistimos nos retratos da reclusão na Casa do Sol, exílio para o qual ela mesma se transferiu e que serviu convenientemente à sociedade pudica da época, que não sabia onde enfiar uma força daquele tamanho, com o poder de questionar o lugar da mulher na literatura.

É hora não só de se ler seus mais de 20 volumes de poesia, suas mais de 10 ficções, suas oito peças de teatro, mas também de mudar a cara de Hilda Hilst no imaginário nacional. Superar o medo da mulher livre e estampá-la em edições e homenagens como a da Flip 2018, em cujo convite Hilda aparece de queixo erguido, sensual é imprescindível.